Aula 6

A QUESTÃO DEMOGRÁFICA NOS PAÍSES CENTRAIS

META

Compreender as questões demográficas pertinentes aos países centrais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
a) Identificar quais as principais questões demográficas dos países capitalistas do mundo desenvolvido; b) Comparar estas questões com as encontradas no mundo subdesenvolvido capitalista.

PRÉ-REQUISITOS

Aulas anteriores.

Sônia de Souza Mendonça Menezes
Genésio José dos Santos

INTRODUÇÃO

Nesta aula faremos um estudo sobre as questões demográficas encontradas no mundo desenvolvido, hoje conhecido como “países centrais”.

Quando tratamos das questões demográficas estamos nos referindo aos problemas populacionais destes países. É bom lembrar que a população mundial numericamente já ultrapassa a casa dos sete bilhões. Todavia, ao contrário do que alguns imaginam, os grandes problemas demográficos ou populacionais do Século XXI, não é o crescimento nem o número total de habitantes do nosso planeta, mas, segundo Vesentini (2005, p. 245), são os seguintes:

- O rápido envelhecimento da população em geral, principalmente (embora não apenas) nos países ricos ou centrais;
- As migrações em massa de regiões ou países pobres para regiões ou países ricos;
- Os diversos tipos de racismo o preconceitos étnicos, culturais, religiosos, entre outros;
- A persistência da questão alimentar relacionada a fome ou a subnutrição nos países pobres ou periféricos e o excesso de consumo de alimentos por uma parcela crescente e já sensível da população mundial, especialmente nos países (ou áreas) mais ricos (países centrais) são questões que precisam de uma análise cuidadosa e cautelosa para que possamos chegar a conclusões coerentes.

No decorrer das próximas aulas analisaremos os desafios acima apresentados, assim como buscaremos contextualizá-los nos seus contextos histórico e geográfico.

As idéias e questões aqui utilizadas com o intuito de fazer-nos entendedores das grandes problemáticas vivenciadas na contemporaneidade pelos países desenvolvidos do mundo europeu têm como responsável o professor Adelino Torres, membro do Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade Técnica de Lisboa, nos diversos artigos publicados e disponibilizados nas redes de comunicação informatizadas.

Quando tratamos dos desafios demográficos encontrados nos países desenvolvidos ou nos países centrais, devemos considerar que as profundas transformações demográficas a que assistimos nas últimas décadas do século XX e, sobretudo, as previsões sombrias feitas relativamente à situação no início do século XXI, constituem por si só uma questão central da atualidade (TORRES, 1995).

Albert Jacquard (1993) conta uma pequena história a esse respeito: em 1958 a Divisão da População da Organização das Nações Unidas estimava que o efetivo populacional do Planeta Terra seria de 4.220 milhões de pessoas na década de 1980 e de 5.140 milhões na década de 1990. Três décadas depois pode-se constatar numa análise retrospectiva que os dados quantitativos atingidos naquelas décadas confirmaram, com uma pequena margem

de erro, as previsões de 1958, forçando-nos a acreditar no que foi previsto por este organismo para a década de 2025 (8.200 milhões) e 2075 (10.100 milhões). Essa explosão demográfica não poderá deixar de ter repercussões ecológicas, econômicas, sociais e políticas das mais variadas ordens.

De um lado os pessimistas apontam para as catástrofes inevitáveis. Os otimistas, submetidos a uma grande prova, não parecem ter argumentos suficientes para integrar as conseqüências desse crescimento exponencial num cenário confiável de equilíbrio.

Paralelamente, assistimos a distorções anunciadas entre as diversas regiões do globo terrestre (Quadro 01).

QUADRO 01
POPULAÇÃO DO GLOBO POR REGIÕES: 1950-2025
(em % da população mundial)

	1950	1970	1993	2000	2025
Países Desenvolvidos ou Países Centrais	33,1	28,3	20,9	19,3	14,9
EUROPA	11,8	9,2	6,7	6,1	4,4
Países em Desenvolvimento (emergentes)	66,9	71,7	79,1	80,7	85,1

Fonte: EUROSTAT, Statisìques Dèmographiques, 1995.

A Europa Central e Ocidental, onde a transição demográfica se manifestou desde a Revolução Industrial do Século XVIII, envelheceu mais rapidamente do que o restante do mundo, como pode ser observado no quadro 02.

QUADRO 02
Relação adultos/idosos em 1993

	População < 15 anos (%)	População >65 anos (%)
MUNDO	33,0	6,0
Países Desenvolvidos ou Países Centrais........	20,0	13,0
EUROPA.....................	17,8	15,1
Países em Desenvolvimento (Emergentes	36,0	4,0

Fonte: EUROSTAT, Statitiques Demographiques, 1995.

Nos estudos demográficos da EUROPA (Central e Ocidental) verificava-se uma fase de natalidade e mortalidade elevadas que permitiam taxas de crescimento lentas, porém, favorecendo o aparecimento de uma população predominantemente jovem, sucedendo uma outra em que a mortalidade diminuiu brutalmente enquanto a natalidade manteve os seus níveis elevados provocando um crescimento populacional jamais visto. Numa fase seguinte, porém, as taxas de fecundidade sofreram por seu turno uma queda tal que, em alguns casos, as gerações deixaram de ser substituídas ou, quando são, devem ser creditados à presença de milhões de imigrantes nos seus territórios.

É perceptível na atualidade que, nesta região do globo terrestre, as populações vivem por mais tempo. Contudo, o seu envelhecimento e o seu relativo declínio populacional, são visíveis ao ponto de alguns analistas considerarem que se não houver inversão dessa tendência o futuro da civilização ocidental, de que a Europa é o principal representante, pode estar comprometido a médio prazo à semelhança de outras civilizações outrora desaparecidas.

No "Livro Branco" da Comunidade Européia, intitulado "CE: Crescimento, Competitividade, Emprego – Os Desafios e as Pistas para Entrar no Século XXI" (Luxemburgo, 1994), constata-se que, entre os fatores que mudaram na economia européia está o envelhecimento da população e a transformação da estrutura familiar até então vigente. Também devem ser consideradas as diversas mudanças sociais e demográficas que têm contribuído para dificultar o acesso a novos empregos, entre elas:

> "As alterações demográficas com taxas de natalidade em declínio tendo como conseqüência o envelhecimento da população ativa (dado que o efeito é contrabalançado pela maior participação das mulheres jovens) tal como conseqüência verificar-se-á depois do ano 2000. No entanto, as alterações demográficas estão pressionando os orçamentos da segurança social" (p. 152).

Não deixa de ser surpreendente, no entanto, que no referido livro aparentemente tão entusiasta sobre as "pistas para entrar no século XXI", como a sociedade da informação, as redes transeuropéias, a produtividade e a concorrência, não tenham julgado necessário tratar a fundo o problema das inquietantes perspectivas demográficas e não tenha proposto medidas para fazer frente a suas conseqüências a longo prazo, as quais vão afinal, condicionar (mesmo em termos de civilização) os resultados de muitos desses projetos (TORRES, 1995).

Muitos pessimistas mais exaltados pensam que a Europa poderá ser submergida mais uma vez, como há séculos atrás, pela cultura mulçumana, especialmente a mediterrânea, de sentinela às portas do Velho Continente.

As levas sucessivas de imigrantes oriundos do Norte da África (Região do Magreb) que todos os dias desembarcam no continente seriam os sintomas anunciadores desse destino.

Tratando dessas questões Jean-Claude CHESNAIS (1995) observa que em vários países do continente, como a Bélgica, a França, a Itália e a Espanha, o Islã já é a segunda religião depois do catolicismo. Ele afirma que o processo de africanização do povoamento da Europa é um fenômeno já bem estabelecido, atingindo o conjunto da Europa Meridional. No ano de 2010 entre 10 e 30 milhões de pessoas de origem africana fixaram residência na Europa Ocidental. Quanto mais o horizonte temporal se afastar, maior será a parte dos africanos do Sul do Saara em relação aos brancos da África do Norte (...) Mas o futuro imediato, é a expansão do mundo árabe, do Magreb (Norte da África) à península Arábica (Oriente Médio) que terá maiores conseqüências (...). O equilíbrio demográfico, entre o Mundo Árabe e a Comunidade Européia, mesmo ampliado, será rompido. O referido estudioso alerta-nos para o fato de que na década de 1950 a população da Comunidade Européia era quatro vezes maior do que a do Mundo Árabe. Na década de 1990, a população da porção meridional (sul) do Mediterrâneo ultrapassou a da porção setentrional (norte), invertendo assim uma antiga superioridade numérica; em 2025 a porção meridional (sul) representará dois terços do total e, então definitivamente, a Europa tornar-se-á a nova fronteira do Islã.

Já Eric HOBSBAWM, em seu livro "Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991" (1995), chama-nos a atenção para o fato de que os previsíveis problemas da população mundial vão certamente agravar os desequilíbrios entre as diferentes regiões do mundo. Os países desenvolvidos, afirma o referido estudioso:

> "Cercados por países pobres com exércitos de jovens a procura de modestos empregos que fazem deles ricos segundo os critérios em El Salvador ou no Marrocos, esses países de muitos cidadãos idosos e poucas crianças, vão ter que escolher entre permitir uma imigração maciça geradora de perturbações políticas, voltar-se contra os imigrantes de quem precisam – o que poderá tornar-se impraticável a longo prazo – ou encontrar outras soluções. O mais provável será permitir a imigração temporária e condicional, a qual não dá aos estrangeiros os direitos sociais e políticos dos cidadãos, isto é, criar sociedades essencialmente desigualitárias (...). Os transportes e as comunicações no final do século XX, bem como o enorme desnível de rendimentos entre países ricos e pobres, tornam esse dualismo mais possível do que nunca" (p. 568).

Se as migrações são, verdadeiramente, um foco potencial de perigosas tensões a que se deve estar atento, a crise de valores que a Europa atravessa tem a ver com motivos alheios à presença dos imigrantes. Parte das causas

resulta das mutações introduzidas com a Terceira Revolução Industrial que, contrariamente às expectativas mais otimistas, tardam em criar os empregos esperados para a maioria da mão-de-obra disponível, enquanto os aumentos de produtividade se revelam lentos e insuficientes.

Desde 1973 que a criação de postos de trabalho em setores promissores, na Europa, tem sido muito mais lenta. A redistribuição do trabalho tornou-se, segundo Torres (1995), muito mais difícil, devido à carência de oportunidades alternativas de emprego e às limitadas oportunidades que as empresas têm de desviar da mão-de-obra de atividades declinante e, também, ao significativo impacto das novas tecnologias em termos de substituição de mão-de-obra, principalmente as referentes às ocupações manuais e as que requerem baixa qualificação.

Atualmente a taxa de emprego na Europa (proporcional à população em idade ativa) é o mais baixo do mundo desenvolvido e industrializado, enquanto que entre os anos de 1970 e 1992 a taxa de emprego cresceu nos Estados Unidos 49% na Comunidade Européia cresceu apenas 9%. No Japão, país em que se verificou um crescimento econômico de 173% desde 1970, o emprego cresceu a taxas de 25%. Por outro lado, as políticas neoliberais aplicadas no início da década de 1990, ignorando as características sociais, não surtiram os efeitos esperados e começaram a surtir o efeito contrário ao que foi planejado propiciando conseqüências indesejáveis aos atores sociais envolvidos mais diretamente com essas políticas, os operários.

Para HOBSBAWN (1995), a crença da economia neoclássica de que o comércio internacional, sem restrições, permitirá aos países mais pobres aproximarem-se dos mais ricos, gira contrariamente à experiência histórica e o senso comum. Uma economia mundial que alimenta as desigualdades crescentes, como é a economia de mercado ou capitalista, irá, quase que inevitavelmente, gerar crises futuras. Aí está a grande pedida desse estudioso: suas previsões foram categoricamente certeiras no contexto contemporâneo, o mundo capitalista, principalmente o mundo desenvolvido, com crises sistemáticas, principalmente de natureza econômico-financeira.

Esse estudioso chama a nossa atenção para o fato de que um dos aspectos que causaram alarme no final do século XX foi justamente o problema das novas tecnologias. Por isso é que ele afirma que a tecnologia continua a expulsar o trabalho humano da produção de bens e serviços, sem fornecer trabalho suficiente da mesma espécie do que é abandonado e também sem garantir uma taxa de crescimento suficiente para absorver esse trabalho.

As falências de empresas européias ou a sua resposta ao deslocamento dessas empresas para os países subdesenvolvidos, onde a mão-de-obra é muito barata, em consonância com uma lógica de curto prazo, alheio aos interesses dos referidos países, engrossará os exércitos de trabalhadores marginalizados na Europa por conta da onda do desemprego.

O mapa abaixo facilitará o entendimento de todos sobre a forma como o mundo contemporâneo encontra-se repartido nos moldes instituídos

pelo Sistema Capitalista, com destaque para os grandes centros do desenvolvimento econômico e industrial (América do Norte, Europa e Japão), identificados com um círculo preenchido com a cor preta.
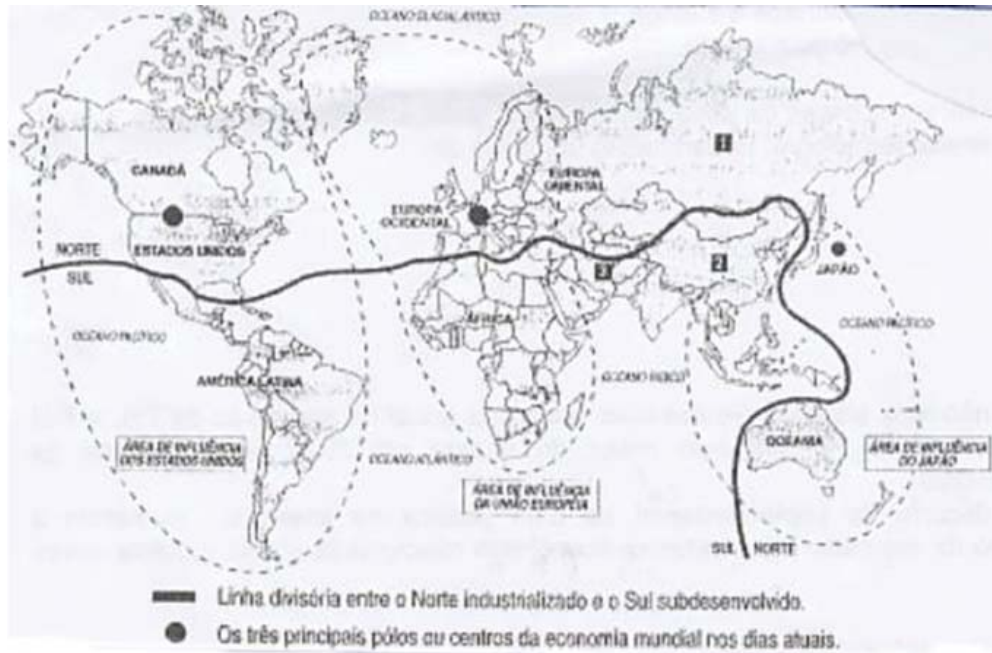
Figura: Mapeamento da divisão do mundo: países centrais e periféricos/ desenvolvidos e subdesenvolvidos.
(Fonte: L'Economie Internacionale em Mouvement).

CONCLUSÃO

A partir de que foi analisado até o presente momento concluímos que os principais problemas demográficos enfrentados historicamente pelos países desenvolvidos na Europa são: a onda migratória oriunda do mundo árabe, e principalmente, do Norte da África e o problema estrutural do emprego e também do desemprego.

A conjugação desses problemas com as rupturas do sistema socialista ruído no Mundo Europeu, fez ruir também o quadro de referências construído após a 2ª. Guerra Mundial. Os novos problemas projetam-se num mundo de incertezas, estimulantes em certos aspectos, pelos desafios que porventura surgirem, causando tensões sociais e políticas cujas previsões deveriam merecer cuidadosa atenção e reflexão.

RESUMO

É sempre estimulante estudar os problemas demográficos encontrados no mundo, seja ele desenvolvido ou subdesenvolvido. No caso do mundo desenvolvido, os problemas apresentados nesta leitura tornam-se mais acentuados em função do "fetiche" criado no mundo subdesenvolvido, de que a superação do "estado de pobreza" estar relacionada a um bom emprego num país desenvolvido. Este é o caso específico dos povos que vivem nessa condição, principalmente no Norte da África. Condição esta gerada por sistemas políticos autoritários e retrógrados, disseminando a concentração de renda, que gera a pobreza estabelecida.

Um dos grandes problemas enfrentados pelos países ricos da Europa é justamente a onda migratória da referida região do Planeta Terra. A desqualificação profissional gera grandes problemas no tocante à geração de emprego e renda nesse mundo. Mas, a Europa precisa de mão-de-obra não ou pouco qualificada para ocupar os sub-empregos disponíveis no mercado de trabalho: garis, empregados domésticos, trabalhadores da construção civil, etc.

Então, de forma resumida, podemos reafirmar que, o mundo desenvolvido (Países Centrais) têm os seguintes desafios para enfrentar nas próximas gerações:
- O rápido envelhecimento da população em geral;
- As migrações em massa de regiões ou países pobres;
- Os diversos tipos de racismo o preconceitos étnicos, culturais, religiosos, entre outros;
- A responsabilidade de criar meios e estruturas para, primeiro resolver os problemas relacionados à fome e à pobreza estabelecida na ação colonizadora noutros mundos, e, segundo, amparar de forma civilizada os povos que, convidados ou não, precisam garantir condições dignas de vida (África do Norte, América do Sul e Oriente Médio, por exemplo).

ATIVIDADES

O livro "Era dos Extremos: O Breve Século XX – 1914-1991", de Eric HOBSBAWN, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, está presente nas prateleiras das principais bibliotecas de Sergipe, inclusive, na Biblioteca Central da UFS, por isso recomendamos a leitura da parte dois do referido livro, intitulada: A ERA DE OURO.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A leitura apresentada dá-nos oportunidade de buscar outras leituras que complementem e aprofundem as questões que estão postas. A leitura de livros didáticos de autores como J. W. Visentini, Vânia R. F. Vlach, Miriam de Cássia Médici & Miriam Lino de Almeida, Ieda Silveira, etc. Poderá acessar os sites seguintes: www.europa.eu.int e www.wto.org. Quanto mais aprofundadas as questões apresentadas, mais fácil se tornará o seu entendimento.

PRÓXIMA AULA

Com o objetivo de ampliar a discussão sobre os problemas demográficos vividos pelo mundo europeu, na próxima aula estudaremos "Problemáticas Contemporâneas nos Países Centrais Europeus: Xenofobia e Desemprego".

AUTOAVALIAÇÃO

A reflexão proposta é a seguinte: a esta altura do curso será que estou conseguindo apreender o que está sendo apresentado? Será que estou sendo disciplinado no sentido de acompanhar o raciocínio dos autores? Estou planejando as ações e as etapas que devem ser desenvolvidas para este fim?

REFERÊNCIAS

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX – 1914/1991, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MÉDICI, Miriam de Cássia; ALMEIDA, Miriam Lino de. Geografia, 1ª. edição, São Paulo: Nova Geração, 2005.

VESENTINI, J. William. Sociedade & Espaço: Geografia Geral e do Brasil, 44ª. edição, São Paulo: Ática, 2005.